

PPS divide apoio entre partidos

JORNAL DE BRASÍLIA

12 JUL 1998

Nas disputas locais os socialistas aderiram a coligações que apóiam Fernando Henrique e Lula

Ciro Gomes acha que sua candidatura à Presidência não será prejudicada pelas alianças nos Estados

Rio - Sem candidaturas próprias de peso para "ancorar" a sua chapa nacional, o PPS dividiu seu apoio nos Estados quase igualmente entre candidatos a governador alinhados com o presidente Fernando Henrique Cardoso ou com o petista Luiz Inácio Lula da Silva. Em 12 disputas locais, o partido aderiu a coligações comandadas por postulantes favoráveis ao Planalto e em 11 sustenta alianças que apóiam o petista. Os acordos foram condicionados a espaço para divulgar o seu candidato à Presidência, **Ciro Gomes**.

"A lógica da campanha é federal", diz **Ciro**, que não acha que vá ser prejudicado por essas alianças, apesar de disputar uma eleição "casada" (com candidatos a governador e presidente). Segundo ele, sua candidatura tem "muitos palanques locais", integrados pelas alianças regionais. Só no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul o PPS tem candidatos próprios a governador. Em Roraima, o partido não apóia ninguém. Em Minas Gerais, está com **Itamar Franco** (PMDB), cuja posição nacional ainda é oficialmente desconhecida.

Segundo o presidente do PPS do Rio, deputado **Sérgio Arouca**, a heterogeneidade de aliados estaduais acontece porque o partido avaliou que somente com estas coligações conseguiria eleger deputados. Os ex-comunistas acham que podem dobrar sua bancada na Câmara -atualmente com sete parlamentares- e sonham eleger pelo menos três senadores. **Arouca** admite, porém, que as alianças locais podem confundir o eleitorado. "Não temos avaliação ainda sobre como o eleitor vai reagir a isso", afirma o parlamentar. "Esta é uma eleição muito confusa."

Apoios

A política de alianças do partido gerou uma constelação de apoios locais nacionalmente contraditórios. Em São Paulo, o PPS alinhou-se à esquerda: apóia **Marta Suplicy** (PT), com PCdoB, PCB e PMN. No vizinho Paraná, os ex-comunistas ficaram do lado oposto, na aliança comandada pelo governador **Jaime Lerner** (PFL), candidato à reeleição, com o apoio do PTB, PSB, PL, PTN, PSC, PTN, PTdoB, PRP, PSL e PST. A diversidade vai de **Jorge Viana** (PT, PSB, PCdoB, PSDB, PTB, PTdoB, Prona, PL, PSL, PV e PMN) no Acre a **Albano Franco** (PSDB, PMDB, PL, PSC, PV, PPB e PMN) em Sergipe.

O PPS está oficialmente com partidos pró-Fernando Henrique em Sergipe, Paraná, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Ceará, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rondônia, Tocantins e Rio Grande do Norte. O partido apóia coligações pró-Lula em Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Piauí e Santa Catarina, além de São Paulo e Acre. O mais curioso é que o PPS critica as coligações nacionais pró-Fernando Henrique e pró-Lula -que sustenta na maioria dos Estados.

"O sistema político partidário brasileiro está esgotado", diz a candidata do PPS ao governo do Rio, deputada estadual **Lúcia Souto**. "Há uma pluralidade de combinações não só no nosso ângulo, mas de todos os partidos." Segundo a parlamentar, o País vive um "processo constituinte de uma nova formação política, menos hierarquizada" que a atual. A deputada diz que as alianças nacionais que apóiam Fernando Henrique e Lula são marcadas por contradições internas irremediáveis.

Campanha

O PPS iniciou sua campanha ainda sem um discurso político que o ajude a quebrar a polarização entre Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. Virtualmente ignorado por tucanos e petistas, **Ciro Gomes**, patinando em terceiro lugar nas pesquisas, com 5% na última sondagem do Ibope, volta sua "artilharia" contra a mídia para reclamar de um suposto "bloqueio quase total" dos meios de comunicação à sua candidatura. E diagnostica: a mídia reforça a disputa PSDB/PT para prejudicá-lo.

"Fico, às vezes, rindo (por causa do suposto bloqueio)", afirma ele, que tem procurado emissoras de rádio e jornais locais. Segundo **Arouca**, **Ciro** já visitou mais de cem cidades, falando a platéias de "formadores de opinião", e agora começa a sua campanha de rua, com comícios e caminhadas. "Só 30% do eleitorado o conhece", diz o parlamentar.

O partido, contudo, enfrenta outros problemas além da suposta falta de mídia. Depois de semanas de articulações, o PPS foi desprezado por legendas tão diferentes como PTB e PV e só conseguiu apoio do PL - que, no Rio, está com o PSDB na disputa estadual. "Sabíamos que estávamos sendo usados pelo PTB, mas existia um grupo interessante no partido", afirma **Arouca**.

Simpatia

Na eleição fluminense, o PPS negociou apoio às candidaturas de **Luiz Paulo Corrêa da Rocha** (PSDB), **Anthony Garotinho** (PDT) e **César Maia** (PFL), mas decidiu lançar a candidatura de **Lúcia Souto** ao governo. Na mesma chapa, concorre a juíza aposentada **Denise Frossard**, que ficou nacionalmente famosa depois de condenar a cúpula do jogo do bicho à prisão e se filiou ao partido no fim do prazo legal.

A magistrada, porém, já manifestou simpatia pela candidatura de **Maia**, o que irritou o PPS. "O candidato a governador da doutora **Denise** é o **César Maia**, mas o candidato a senador do **César Maia** é o **Roberto Campos**", critica o candidato do PPS a vice-presidente, senador **Roberto Freire** (PE).